

# A CASA DA BRUXA

VOLUME  
2

Contos, minicontos, receitas,  
crônicas e poemas sobre o  
mundo mágico das bruxas

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR



**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-00-80750-9**

**2023**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- UMA PROFESSORA COM "P" MAIÚSCULO, POR ACÉSARVEIGA, PÁG. 05  
AURORA DA MADRUGADA, POR ANA CECÍLIA MOREIRA ELIAS, PÁG. 08  
A ANÊMOMA SELVAGEM, POR FELIPE RAYEL, PÁG. 10  
FEITICEIRA, POR FERNANDA PIRES SALES, PÁG. 18  
AH, HOMENS..., POR FERNANDA PIRES SALES, PÁG. 20  
DESAFIOS MODERNOS, POR LHSC, PÁG. 22  
O QUE FICOU PARA TRÁS, POR NEY ALENCAR, PÁG. 27  
FOME DE CEIUCI, POR NEY ALENCAR, PÁG. 32  
LIBERE A BRUXA QUE HÁ EM VOCÊ, POR PENHA FRASSI, PÁG. 37  
A BRUXA, POR PENHA FRASSI, PÁG. 40  
SELVAGEM NA NATUREZA, POR PENHA FRASSI, PÁG. 43  
VOZ DO VENTO, POR PENHA FRASSI, PÁG. 45  
TENDINHA DA FEIRA HIPPIE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 47  
DONA BRUXA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 51  
A GATA DO JARDIM, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 54  
UMA BRUXA NÃO FAZ VERÃO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 56  
CONFISSÕES DE UMA BRUXA: O RITUAL DO MORTO-VIVO, POR SUELI KELLEN FUJIMOTO GIROTTO, PÁG. 58  
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 62



VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
[WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
[WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
[WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)

# **A CASA DA BRUXA VOL. II**





A P R E S E N T A M O S A C R Ô N I C A

# Uma professora com "P" maiúsculo

Por ACésarVeiga

ACésarVeiga nasceu em Porto Alegre; escreve textos na área de Mobilidade Urbana; o livro "Gente do Meu bairro" é seu primeiro livro de crônicas; o Jornal Zero Hora fez referência ao livro; participou do Festival Rastros do Verão; patrono da Feira do Livro do Clube do Professor Gaúcho; presença na 68ª Feira do Livro de Porto Alegre; premiado no II Concurso Carmem da Silva; entre as três melhores "Crônicas" da Edição 2022 do Troféu Apolinário Porto Alegre/Brasil pela Academia Rio-Grandense de Letras; indicado para tomar posse na Academia de Letras do Brasil | ALB-RS.

Lembra, daquela “professora” de Geografia do Colégio Padre Réus, que ofertava suas aulas usando minissaias que cobriam não muitos centímetros da região que se estende ao sul da cintura? Hein?

Abancava sobre a classe na frente do quadro verde e corriqueiramente acendia um cigarro com gestos harmônicos dignos de uma clássica bailarina; e ao tragar, aquela fumaça envolvente misturava-se ao que narrava ocasionando um misto de admiração, êxtase, inveja, firmeza, domínio e contagiante alegria enquanto os alunos... ..bem, ficávamos simplesmente atônitos degustando tudo aquilo.

Quando o sinal anunciava a iminência da aula de Geografia sabíamos ter pela frente uma aventura e tanto com muitos sobressaltos no meio do caminho, onde quem sabe ninguém enxergaria nada, pois ela via tudo. Suas aulas como “bolhas de sabão” cresciam para todos os lados, estouravam sobre nossas cabeças e ao terminar desapareciam sem deixar vestígios, a não ser aquele “ensinamento total” para quem estava alerta a vida. (sabia combinar a ousadia com decisões de ações muito prudentes a nós jovens) Tinha tanta certeza de que tudo mudaria para aquela geração que em vez de procurar afastar os temas contrários e proibidos, provocava-os tornando as palavras o tipo de antessala onde nossos sonhos se tornassem reais. E assim, quando soava o sinal indicando terminada a aula de Geografia escutava-se: — Ohhhhhhhh! — na totalidade pronunciado pelos rapazes. (éramos muito estudiosos e interessados no saber — risos)

Essas narrativas na aula de Geografia — que se espalhavam como fogo em feno pela Escola — não chegaram a formar um quadro demonológico na comunidade escolar, mas que se convertiam no assunto predileto dos alunos, isso não podemos negar... (e certamente não ficarão para trás pois deixaram fartas saudades!)

Hoje sei que suas ideias avançadas para a época (década de 70) encontraram ecos contrários muito maiores nos discursos dos retrógrados – manobra típica dos conservadores — do que aos endereçados à exaltação do novo. Sim, atraiu para sua órbita possíveis aliados e adversários, pois não seguia estas regras impostas, isto é, as que estavam sujeitas a votação, nem que eram questões de opinião. Mostrava para aquele que desejasse ver os caminhos de sucesso, que iam além dos estereótipos da mulher dona de casa e do negro jogador de futebol — tão presentes entre os estudantes da época.

Sua sensualidade, opiniões e personalidade eram perigosos e ao mesmo tempo libertadores de muita gente. (esses temas já se mostravam francamente problemáticos na época) Naquela geração, às mulheres não era aconselhável usar cabelos curtos, pintar os cabelos, vestir de maneira provocante ou empregar qualquer artifício de sedução fora do padronizado. Isso era tão importante que a desobediência em relação a essas regras poderia impedir a mulher de receber aceitação dos demais, podendo ser interpretados como símbolos de descontração sexual, ardor erótico, temperamento impetuoso ou mesmo proximidade a atitudes patológicas... ..mas apesar disso nossa “profe” mostrava que considerava a mulher, por essência, não um ser lascivo, insaciável, destinado à luxúria, e que a beleza demoníaca de suas formas era a causa do enfraquecimento masculino e sua ruína... ..bem pelo contrário, sua imagem feminina era exuberante, viril, agressiva – por assim dizer —, autossuficiente, lucida e sobretudo revelava que havia conquistado a liberdade de ser ela mesma. (uma mulher que dificilmente algum macho conseguiria banalizar)

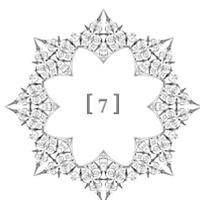
E nós os jovens nunca imaginávamos que naquela época calávamos não por medo de perder, mas por medo de vencer com os terríveis custos que a vitória de ser livre poderia trazer. Em cada dia, enfrentávamos lutas diferentes e em todas elas estavam presentes a ideia da liberdade. Em cada lugar, algo diferente, pois diferentes eram as guerras e nem sempre seria possível não fazer. A tentativa do impossível transformava-se pelo sonho e pela esperança. Em todo lugar a inscrição: “é proibido” originava uma luta constante contra todas as formas da repressão — fossem elas sociais e/ou familiares.

Por consequência “Ela” mostrou que determinadas crenças nossas, que muitos desdenhavam, estavam corretas e que não deveríamos ficar na cena do cotidiano mais como um maluco qualquer, mas como um maluco de respeito social.

Certo dia a ouvi dizer: — Na pergunta mais que na resposta, está o grande pulo do gato de toda a vida. Então questionem sempre! Essa foi a professora Ana Marlene (Anna Marleine Bittencourt Selbach) de Geografia!

Gostaria muito em dizer que minha vida a partir daquela vivência escolar dividiu-se em AAM e DAM (antes da professora Ana Marlene e depois dela) Foi um ícone. Uma professora com “P” maiúsculo.

Alguém gostaria de dizer mais alguma coisa?





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# Aurora da Madrugada

Por Ana Cecília Moreira Elias

Ana Cecília Moreira Elias é natural de Três Ranchos - GO, neta de benzedeira. Possui graduação e mestrado em história pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão.

“Acidente na rua 304” — os blogs da pequena da cidade noticiavam com detalhes a tragédia:

— Jovem é encontrada morta no interior de seu veículo, ambas as mãos foram quebradas, o rosto foi severamente cortado pelos estilhaços do para-brisas, fratura na parte curva da caixa torácica, tamponamento cardíaco.

Letícia estava morta, poucos dias depois de completar o seu primeiro retorno de Saturno. A notícia com precisão alastrou em minutos nas redes sociais; antes de Laila ter o laudo de necropsia, o obituário virtual com as fotos de Letícia, subia nas timelines.

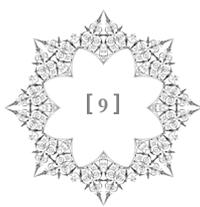
Enquanto as telas dos celulares, notebooks e tablets brilhavam com a novidade, a mãe de Letícia, Laila, se consumia em lágrimas no quarto escuro, embora houvesse uma luz vaga, amarela que vinha dos postes da rua e atravessava a janela, ia até a cama, onde Letícia repousou durante 29 anos.

Horácio, o pai de Letícia, foi quem cuidou do funeral.

À porta da Igreja, no final da Missa de Sétimo dia, com celulares nas mãos, olhares se entrecruzavam; nos WhatsApps circulava a *notícia*, — “Aurora da Madrugada, a morte da Bela Adormecida”.

— Geração Y ou Millenials e a busca pela felicidade no sono: a jovem falecida, do último acidente, dormiu no volante momentos antes do seu carro capotar, às 3 horas da madrugada. Letícia tinha longos cabelos louros, o rosto delicado, olhos azuis, parecia com a princesa dos contos de fadas, Aurora (*A Bela Adormecida*). Letícia fazia uso de fármaco pertencente ao grupo das imidazopiridinas, potente sedativo.

A nota chegou aos olhos de Laila, ela não sabia quais eram as fontes, que conseguiam informar com ácida desenvoltura; ela não quis saber, agora dentro de sua casa, reinava o silêncio, Laila, não escutou mais o cantar de um galo, a mãe de Letícia escutou o seu triste cantar às 3 horas daquela madrugada... e lembrou de sua avó Ozória, que sempre dizia, “se o galo cantar fora de hora, é o anúncio de morte na família”.





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# A Anêmona Selvagem

Por Felipe Rayel

Felipe Rayel, residente na cidade de Campinas/SP, tem 45 anos e é formado em Ciência da Computação, com experiência de mais de 20 anos na área. Além de sua dedicação à tecnologia, Felipe escreve contos de ficção científica e terror. Sua jornada como escritor é impulsionada pelo fascínio em explorar temas do gênero, proporcionando uma perspectiva única e instigante em suas narrativas.

Foi numa manhã dessas de inverno que Ane acordou cedo para ver o que a geada traria daquela vez. Adorava correr pelo campo esbranquiçado procurando folhas congeladas ou pequenos cristais de gelo que ainda não se derreteram com os raios de sol da manhã.

Sonhava em um dia ver a neve cair naquele pasto, mas a última vez que isso aconteceu naquele pequeno vilarejo da Serra Gaúcha foi há dez anos.

Distraída com uma pequena flor avermelhada de miolo negro que nunca viu por ali, não ouviu seu tio chamando. Ele estava enfurecido com o estrago da geada e vê-la animada daquele jeito o deixava revoltado.

Ane era uma menina tímida de 14 anos que morava naquela fazenda com o seu tio Jorge desde que seu pai morreu. Pouco se lembrava daquela noite 7 anos atrás. Estava na cozinha vendo sua mãe preparar o jantar quando ouviu seu pai gritando que haviam derrubado a porteira. Ane correu para a frente da casa e viu uma caminhonete em alta velocidade, atravessando a horta, atropelando os pés de alface.

Seu pai correu atrás, conseguindo fazer o invasor parar e sair do veículo. Em meio a uma acalorada discussão, o estranho intimidava e apontava o dedo na cara do seu pai. O sujeito, cujo rosto era desconhecido por ela, usava um marcante chapéu de camurça vermelha. A situação de repente tomou um terrível rumo quando o homem sacou uma arma e efetuou cinco disparos, matando seu pai bem ali na sua frente, e ela nunca soube por quê.

— Ane, mas que raios! O galinheiro está imundo! — gritou seu tio pela terceira vez.

— Já ouvi, Jorge! Estou indo limpar — respondeu ela.

Ane odiava aquele lugar tanto quanto odiava seu tio. Vivia lá por não ter alternativa, uma vez que sua mãe a havia abandonado naquele local. Segundo rumores, ela partiu para a cidade com o novo namorado e deixou as terras para o seu tio, que as uniu em uma única fazenda. A casa de madeira em estilo germânico era centenária e clamava por uma reforma urgente.

Ane varreu o galinheiro, desinfetou os poleiros e enquanto jogava a serragem pelo chão, fantasiava em um dia deixar aquele lugar pavoroso para estudar na capital.

— Mas que moleza, tchê? Por que não fizeste isso ontem? — disse Jorge.

Ane, exausta, olhou para ele, mas nada conseguiu responder. Como sempre, as palavras desapareciam e ela ficava calada.

— Alô? Está me ouvindo? Tu ainda tens que limpar a casa e fazer o almoço. Se apresse, guria burra! — continuou ele.

Ela abaixou a cabeça e foi até a casa. Arrumou os quartos, limpou o banheiro e fez o almoço, enquanto Jorge assistia TV bebendo cerveja e reclamava de tudo. Estava acostumada a não dar ouvidos às ofensas do seu tio, mas sua vontade era de enfiar um sapo goela abaixo para calar-lhe a boca.

Serviu o almoço na mesa e foi para o quarto, pois estava sem fome. Sobre a cômoda, encontrou, já murcha, a flor vermelha que colheu e esqueceu de colocar na água. Pegou a escova para alisar os cabelos, mas antes que pudesse começar, ouviu um barulho na sala.

— Barbaridade! O que é isso? — gritou Jorge.

Ane correu até a sala para ver o que acontecera e viu seu tio cuspiendo a comida no chão e jogando o prato no tapete.

— Que coisa horrível! — disse Jorge — Tua comida é de doer, mas hoje te superaste guria! Tu consegues ser ruim em tudo que faz!

— Você é um porco ingrato! Isso que você é — respondeu Ane sem pensar.

— O quê? Cale essa boca, guria! Como ousa me responder assim?

Jorge jamais aceitou aquele tipo de atitude. Tirou o rebenque da cintura e açoitou-a como fazia com os animais.

Ane gritou e implorou para ele parar, mas sabia que ele não pararia até satisfazer seus instintos sádicos. Era sempre assim, não importava o motivo. Parecia que Jorge sempre conseguia um pretexto para machucá-la.

Sem fôlego para continuar, Jorge sentou na cadeira e Ane conseguiu correr para o estábulo. Era lá onde ela gostava de se esconder quando queria fugir do mundo. Lá dormiam as vacas, os cavalos e abrigava as gaiolas com a criação de chinchilas. Ao fundo, Ane havia montado um pequeno altar, onde Madame Violeta lhe ensinou a rezar e fazer oferendas à deusa. Sentou encolhida no chão e esperou anoitecer.

Já estava escuro e Ane acendeu cinco velas sobre o altar. Com uma pedra de gesso, ela riscou um pentagrama no chão e depois pegou uma das chinchilas da gaiola. Colocou-a sobre o altar e disse:

— Ó espíritos dos ventos que vagam pelos céus sussurrando segredos ancestrais, Ventos do Norte e do Sul, eu os convoco agora. Venham à minha presença, acudam meu chamado.

Logo após, ergueu seu braço e, empunhando um cutelo afiado, decapitou o pequeno animal com um único golpe. O sangue fluíu em cascata pela bancada, enquanto suas mãos se impregnavam com a essência do ritual.

Rezou novamente para os espíritos, mas nada de diferente aconteceu. Desapontada, ela apagou as velas e limpou tudo.

— Não desista, pequena Ane, um dia eles ouvirão — disse Madame Violeta.

— Não sei. Acho que eles não querem me ouvir — disse Ane.

Ane nunca entendeu porque Madame Violeta era a única vaca que conversava com ela, mas era grata por ela ser sua única amiga. Fechou o estábulo e correu até o riacho para se lavar.

No caminho, ao subir a colina, deparou-se com aquelas estranhas flores vermelhas, que desabrocharam no meio do capim, aos pés da araucária. Eram anêmonas, também conhecidas como as flores-do-vento, uma presença rara naquele local e naquela estação do ano.

Ane aproximou-se com curiosidade e percebeu a ponta de um pequeno baú enterrado e que foi revelado pelo vento.

Com dificuldade, conseguiu desenterrar a pequena caixa. Dentro dela encontrou várias fotos estragadas pela umidade, brincos, anéis e um colar de pedras azuis. No meio das fotos, encontrou documentos em nome da sua mãe.

Sem entender o que aquilo estava fazendo enterrado, Ane chorou quando se deu conta de que tudo aquilo eram pertences da sua mãe.

Examinou o buraco de onde retirou a caixa e deparou-se com um fragmento de tecido. Ao tentar puxar, percebeu estar profundamente enterrado, exigindo um esforço maior. Com um puxão mais forte, o tecido cedeu, fazendo com que ela perdesse o equilíbrio e caísse sentada. Ao observar o pedaço de pano, uma pergunta surgiu em sua mente: “Isso é um pedaço de roupa?”. Assustada, não queria ficar ali nem mais um segundo. Juntou tudo na caixa e levou-a correndo para mostrar ao seu tio.

Jorge não estava em casa, pois fora à cidade. Desesperada, fez algo que jamais teve permissão de fazer: entrar no quarto do seu tio. Ela precisava saber se, além dos pertences de sua mãe, ele guardava algo que pudesse estar relacionado ao seu pai, um enigma que estava consumindo seus pensamentos.

Vasculhou todas as gavetas da cômoda e portas do armário, mas nada encontrou. Porém, no maleiro, encontrou algo que a deixou estagnada: um chapéu de camurça vermelha.

Ane tremia e não queria acreditar. As lembranças que tinha daquele chapéu eram nítidas e a deixaram aterrorizada. Correu aflita para o estábulo e pediu ajuda para sua amiga vaca.

— O que houve, pequena Ane? — disse Madame Violeta.

— Foi Jorge quem matou meus pais! E acho que ele nem é meu tio!

— Isso é muito sério, Ane. Por que achas isso?

— Jorge é o homem do chapéu vermelho que assassinou meu pai! E acho que também matou minha mãe e a enterrou perto da colina.

— Barbaridade, então você precisa fazer alguma coisa pequena Ane. Vou te passar uma mistura de ervas e cogumelos que tu podes encontrar na floresta logo depois do riacho.

Ao anoitecer, Ane preparou a janta e adicionou à sopa a mistura com os ingredientes que colheu. Seu tio chegou faminto, deixou o casaco na cadeira e sentou-se à mesa. Ane não disfarçava a ansiedade e deixou Jorge desconfiado.

Ele provou a sopa enquanto observava Ane em pé na frente da mesa.

— Não vai jantar? — disse Jorge.

— Acho que não, estou sem fome — respondeu Ane.

Ao colocar a segunda colherada na boca, Jorge parou de repente e deu um murro na mesa.

— Quer me envenenar, sua puta?

Cuspiu a comida e correu até a pia da cozinha para enxaguar a boca. Ane exagerou nos ingredientes e o tempero da sopa não foi suficiente para disfarçar o sabor amargo.

Ela correu até a porta, mas Jorge estava enfurecido. Tomou-a pelo braço e arrastou Ane até o estábulo. Amarrou suas mãos e acorrentou-a pelos pés no chão de concreto.

— Sua louca delinquente, vai dormir aí. Amanhã cedo chamarei o Doutor Fred e mandarei internar você — disse Jorge.

Trancou o estábulo e foi dormir, enquanto Ane chorava e tremia de frio.

Ainda era madrugada quando Jorge acordou assustado sentindo uma terrível dor de cabeça. No escuro, procurou o copo de água que sempre deixava na mesinha lateral, mas

não encontrou. Acendeu o abajur e notou que sobre sua cama pairava uma estranha sombra. Era um espectro negro, translúcido e sem forma definida.

Ele passou a mão no rosto sem entender o que estava vendo, esfregou os olhos e viu aquele vulto fantasmagórico fazendo movimentos hipnóticos bem em cima dele. Em um relance percebeu ser um corpo, vestindo uma mortalha negra que esvoaçava sem ter vento nenhum.

Apavorado, Jorge pensou que a morte estava ali para lhe buscar. Levantou da cama em um pulo e correu até a sala tropeçando nos próprios pés. Vestiu o casaco e as botas, pegou a chave da caminhonete e saiu de casa apressado. Ao abrir a porta, se deparou com algo que jamais viu em toda sua vida: uma nevasca sem precedentes no Brasil.

Estava muito frio e ventava forte. A neve cobria o todo o pasto e o telhado da casa. A ventania havia destelhado o estábulo, fazendo com que a neve invadissem as coxias e matasse todos os animais que estavam lá.

Jorge entrou na caminhonete, tirou o gelo do bigode e acelerou. Através do retrovisor olhou a casa e tentou ver se a assombração o perseguia.

Com a quantidade de neve que caía, a visibilidade era mínima. Mesmo derrapando e quase saindo da estrada, tentou dirigir o mais rápido que podia. A cada curva, tinha a sensação de que estava se afastando do que quer que fosse aquilo. Enquanto tentava se acalmar, pensava em como tudo aquilo seria possível.

Após dirigir por trinta minutos, avistou um posto de combustível. Parecia deserto, apesar da pequena loja de conveniências que estava com as luzes acesas. Estacionou a caminhonete e procurou abrigo na loja. O estabelecimento estava vazio e não havia ninguém no caixa. O vento e a neve batiam nas janelas, fazendo-as tremer e quebrando o silêncio do lugar.

— Tem alguém aí? — gritou Jorge, sem obter resposta.

De repente, uma estranha fumaça negra entrou pelo vão da porta principal e ficou circulando pelo teto. O coração de Jorge batia acelerado, enquanto as lâmpadas fluorescentes piscavam sem parar. Jorge correu até a porta e ao tentar abri-la, percebeu estar emperrada. Neste instante, as lâmpadas estouraram e o lugar todo ficou no escuro.

Jorge forçou a porta com desespero até conseguir arrombá-la. Correu para a caminhonete, deu a partida e saiu derrapando pela neve. Dirigiu às cegas, sem saber para onde estava indo. A densa camada de neve cobria tudo ao seu redor, tornando impossível saber se ainda estava na estrada ou não.

De repente, ele percebeu algo na caçamba da caminhonete, mas ao olhar pelo retrovisor, nada viu. Sentiu um arrepio subindo pelas costas e quando percebeu, aquela fumaça sombria surgiu no interior do veículo e repousou sobre o banco do passageiro.

Jorge tentou frear, mas os freios não funcionaram. Apavorado, conduziu o veículo sem tirar os olhos daquela tenebrosa sombra, que se materializou na forma de algo que lembrava uma pessoa. Sem saber o que fazer, tentou abrir a porta com o veículo em movimento, forçando a maçaneta até ela quebrar na sua mão. Olhou novamente para o lado e percebeu que a aparição era, na verdade, uma mulher. Ela usava um longo vestido preto e um colar de pedras azuis.

— Meu santo Deus, o que é isso? Quem é você? — gritou Jorge apavorado.

— Sou Anêmona, a filha do vento — sussurrou ela.

A mulher flutuou até ficar em cima dele e, de perto, ele viu um rosto que lhe parecia familiar.

— Ane? Por favor, não — implorou.

Ane finalmente havia se tornado uma bruxa. Suas unhas eram tão longas e brilhantes que pareciam de metal. Segurou Jorge pelo queixo e com um leve sopro congelou seu rosto, que permaneceu petrificado em uma expressão de completo terror.

Com os lábios congelados, ele queria gritar, mas não podia. Jorge sabia que, daquela vez, não haveria escapatória da temida bruxa. Lembrou-se do último confronto com uma delas, quando a enterrou viva aos pés de uma araucária.

A bruxa abriu uma boca maior que a própria cabeça, e como se fosse devorá-lo, expôs seus longos e pontiagudos dentes e sorriu. Ele sentiu uma forte vertigem e perdeu controle do veículo. Percebeu que já não estava mais no percurso da estrada e caía de um grande penhasco. Tentou fechar os olhos, mas também não conseguiu.

Durante a longa queda que parecia não ter fim, percebeu que havia caído no temido cânion, o maior da região, com uma altura que ultrapassava 700 metros.

A caminhonete se espatifou no chão após capotar diversas vezes e depois que tudo parou de girar, Jorge se viu espremido em um monte de ferro retorcido. Suspirou e apesar de sentir muita dor, perguntou-se como poderia ainda estar vivo.

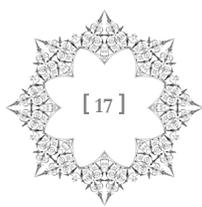
Anêmona surgiu do meio das árvores, puxou Jorge do meio das ferragens e jogou-o sobre as pedras na margem do rio. Ele olhou para o próprio corpo, viu as roupas rasgadas e seus braços quebrados.

— Onde estou? O que está acontecendo comigo? — perguntou Jorge.

A bruxa o lançou no leito do rio e, enquanto ele se afogava, disse:

— Aqui é o inferno e aqui você não morrerá uma segunda vez.

Anêmona então desapareceu com vento e Jorge sumiu nas águas daquele rio gelado, onde se afogaria pela eternidade.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Feiticeira

Por Fernanda Pires Sales

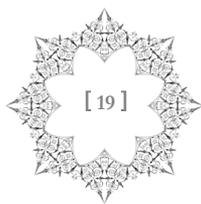
Fernanda Pires Sales, professora e escritora carioca, é graduada em Letras (Português-Literaturas) pela UFRJ e pós-graduada em Literatura Brasileira pela UERJ. Autora de "Reflexos"(poesias), publicado pela Litteris Editora em 2005, tornou-se idealizadora, coautora e organizadora de duas coletâneas da Editora Conexão 7, "SobreVivências – Olhares em Prosa e Verso" (2020) e "SobreVivências II – Persistências da Memória" (2022). Acredita piamente no poder transformador da literatura.

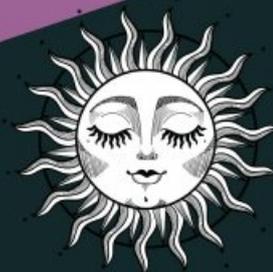
Tal qual o escudo de Perseu, apresento  
Dom efêmero e desconcertante  
Procure-me... Maldiga-me!  
Ressurjo, lasciva, em teus braços  
Como em sonho... Inebriante!

Podes me julgar... tentar me agrilhoar  
Nem teu jugo, nem tua força  
Hão de me alcançar  
Do tempo, permito ganhar marcas  
De ti, teu patético praguejar.

Sou alma livre,  
Nascida para peregrinar  
Sorte de uns, desejo para outros  
Da fragilidade, cabe-me somente desdenhar.

Creia-me, sou de carne e osso  
E encantamento, por essência  
Aconselho-te prudência...  
Sou Filha da Terra, do Fogo,  
Da Água e do Ar!





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# Ah, homens...

Por Fernanda Pires Sales

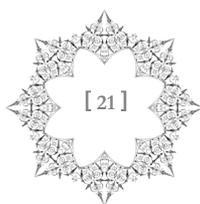
Fernanda Pires Sales, professora e escritora carioca, é graduada em Letras (Português-Literaturas) pela UFRJ e pós-graduada em Literatura Brasileira pela UERJ. Autora de "Reflexos"(poesias), publicado pela Litteris Editora em 2005, tornou-se idealizadora, coautora e organizadora de duas coletâneas da Editora Conexão 7, "SobreVivências – Olhares em Prosa e Verso" (2020) e "SobreVivências II – Persistências da Memória" (2022). Acredita piamente no poder transformador da literatura.

Esqueçam tudo o que instruíram,  
Contaram  
Ou fantasiaram sobre mim.

Bem mais do que aparento, SOU!  
Apetitosa...  
Inebriante...  
Harmoniosa...  
Inesquecível...  
Fugaz...  
Insustentável para quem não me alcança  
Incorruptível a intimidações  
Inabalável em meio a mudanças  
Inexorável fonte de transformações.

Cante sobre mim  
Do clarão do luar  
Ao despertar da aurora  
Posso ser fantástica... fada... feiticeira  
Posso ser humana... santa... pecadora  
Sou alfa, beta e ômega.

Debruça-te sobre meus seios...  
Neste peito onde repousa  
Todo o sentimento do mundo  
Que de tempos em tempos transborda,  
Retorna à terra,  
Floresce,  
Frutifica...  
E se renova.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Desafios modernos

Por LHSC

LHSC nasceu em Curitiba, apreciador de ficção, seja ela mística ou científica, basta ser fantástica. Não é fã de biografias, talvez por acha-las muito próximas de obituários.

A velha bruxa, respeitável matrona daquele *conventículo*, andava com passos ligeiros, e sua irritação era mais que visível, era audível:

— Júpiter! Que ultraje! Que situação! Onde estão essas duas quando mais preciso delas!?

Atrás dela seguia um obeso gato cinza com listras pretas, cuja pança balançava para os lados enquanto ele se apressava em seguir sua mestra.

— Espere! Calma! Não tão depressa!

Disse o felino, com uma inesperada voz humana.

— Por HÉCATE, EU NÃO IREI ME ACALMAR!

Ela para berrar, esticando os braços para cima, um cajado adornado com figuras de gatos e bruxas em sua mão esquerda, que hoje era também sua bengala, e na mão direita uma correspondência carimbada “ULTIMO AVISO”.

— Sybel! Zazu! Onde estão vocês!!!

Algo estrala nas costas da Matrona, que dá um longo e dolorido gemido.

— Minhas... costas...

Sybel e Zazu eram as subordinadas de Horotheia, a matrona, e as últimas participantes de sua *coven*, seu coventículo, tanto no sentido de serem as mais recentes adições ao grupo, como também serem as únicas que haviam sobrado.

Elas nunca haviam sequer considerado a hipótese de deixar o grupo de Horotheia, pois elas eram suas filhas. Adotadas, sim, mas o afeto que tinham pela matrona era sincero e poderoso, e também recíproco.

Agora as duas estavam no topo da antiga mansão, se banhando na luz do luar, dormindo deitadas tal qual seus gatos, respectivamente Plato e Safo.

Elas sempre se vestiam de forma extravagante, com enormes chapéus de bruxa, longos xales ao lado dos ombros expostos, camisas com grandes e bufantes laços presos por broches de opala, shorts e botinhas, sempre idênticas, tal qual cabia a irmãs gêmeas.

De fato, as duas andavam, falavam e se comportavam as vezes como se fossem uma o reflexo da outra, ou completando uma as frases da outra, e podiam sentir quando uma espetava o dedo em uma rosa, ou a outra acertava o dedo mindinho na quina da parede, eventos diários, diga-se de passagem.

— Mãezinha está irritada...

Sussura Sybel, sem se mover.

— ... tenho até medo de ir ver.

Completo a outra.

Mas um relâmpago seguido de um estrondoso trovão caiu tão próxima a elas, que as duas, tal qual seus gatos se puseram de pé e correram escadas a baixo berrando de medo

— ESTAMOS INDO! NÃO SE IRRITEEEEE!

E as duas, belas, mas desastradas, se enrolam uma no xale da outra e rolam escadaria abaixo caindo aos pés da Matrona.

— Escondidas no telhado? Que perigo, imagine se eu tivesse conjurado uma dúzia de relâmpagos ao invés de um só?

A matrona estala a língua e sinaliza para que as duas a sigam até o escritório.

A antiga mesa está coberta de papeis que iam de anúncios de supermercado até tomos de antigos feitiços. De forma teatral, a matrona amassa a carta que tinha em mãos e a arremessa em direção as duas jovens bruxas, ainda enroladas uma no xale da outra, porém a velha não tinha mais força nos braços, e a bola de papel cai sobre a mesa, onde Sybel — a menos enrolada — a pega e desamassa

— “Estimado Senhor ou Senhora... Lamento informar mas consta em nossos registros que seus débitos não foram quitados pelo terceiro mês seguido...”

Zazu, espiando com as mãos atadas, continua:

—“... isto posto, somos forçados a, uma vez mais, exigir o pagamento integral da dívida, ou então exigir que deixe o imóvel dentro de trinta (30) dias. ”

— Mãe, veja que engraçado... Essas pessoas colocaram o endereço da nossa casa nesta carta...

As duas disseram simultaneamente, rindo.

— CLARO QUE COLOCARAM NOSSO ENDEREÇO, ESQUECERAM QUE HIPOTECAMOS A CASA? O QUE TEM DE ENGRAÇADO NISSO!

E ela bateu na mesa, mas ao ver que faltava força em seus músculos, levanta o cajado e conjura um tenebroso trovão do lado de fora.

Com as duas jovens tremendo, ela relaxa na cadeira, quase sumindo atrás da mesa.

— Estamos falidas. Não há dinheiro para pagar a hipoteca. Eles vão vir nos despejar...

As duas deixaram de lado o temor provocado pelos trovões e tal qual dois gatos irritados, rosnaram ameaças a estes cruéis inimigos, os CREDORES:

— QUE VENHAM! Vamos transforma-los em sapos! Em ratos! Até mesmo morcegos!

A velha rola os olhos cansada.

— Para sermos presas pelo conselho de bruxas? Vocês sabem que tudo isso é ilegal hoje em dia... Se eu pudesse transformar todos nossos cobradores em bichos, eu não estaria nesse estado...

Ela acena a mão para a mesa coberta com contas, e sinistra, olha para as duas e diz em tom sepulcral, como se lesse uma profecia ancestral:

— A solução, minhas queridas... É todas nós arranjarmos um... trabalho.

E as duas gritam de pavor caindo de joelhos, tudo menos um trabalho! O bom de ser uma bruxa era poder conjurar coisas, sem ter de descer a cozinha para pegar um copo de água, ou ter de lavar o banheiro, ou mesmo fazer a cama... com magia tudo era mais fácil!

— CHEGA! Meu decreto é lei! Vocês que são jovens irão imediatamente a agencia de empregos, e não voltem até estarem empregadas! Eu... eu irei trilhar um caminho sombrio... dos empréstimos consignados...! AH, SERES MALIGNOS! ALTOS JUROS EM

TROCA DO MALIGNO DINHEIRO, DESCONTADO EM MINHA APOSENTADORIA! Como podem existir seres tão vis?

Arrastando os pés e choramingando, elas seguem até a agência de emprego, onde muitas pessoas já aguardavam na fila. As duas, não apenas belas, mas bastante distintas com seus enormes chapéus de bruxas e gatos sobre os ombros, chamavam a atenção de todos.

— Proibido animais — Disse o segurança, cansado demais para lidar com qualquer problema.

— Somos familiares, a nós se aplicam as mesmas leis de animais de serviço.

Responde o gato Plato.

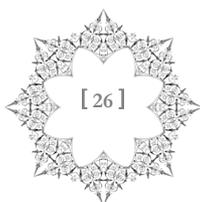
— Tanto faz. — E as deixa entrar.

E assim as duas bruxas conseguem vencer sua primeira batalha! Antes de entrarem e pegarem uma senha de atendimento, número 352... Lá a frente chamava número 20 para ser atendido.

As duas gemeram audivelmente. Horas passaram, e as duas, famintas, conjuraram maçãs para comer, causando deslumbre entre todos a seu redor. Alheias as reações da multidão, sentadas sobre suas vassouras flutuantes, choravam. Os outros candidatos se entre olhavam e diziam:

— Se *tá* difícil pra elas arranjar emprego, imagina *pra* gente...? Eu só tenho o ensino médio!

E esse foi o começo da aventura das duas, batalhando algo que muitos conheciam bem, o desemprego, talvez o maior desafio que qualquer bruxa poderia enfrentar, e só Hécate poderia dizer se elas venceriam ou não...





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# O que Ficou para Trás

Por Ney Alencar

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João - PE. Possui 293 contos publicados em 56 e-books e em 100 antologias. Possui 05 livros publicados.

1904. Recife Velho.

O vulto desceu devagar a Rua do Escobal, perto da Estação de Afogados, em Recife Velho, enquanto o fim da tarde de inverno se aproximava lentamente.

Era um senhor de pele negra muito velho, os cabelos brancos como a neve e os olhos encarvoados, vestia-se de branco e trazia na mão uma bengala preta de castão de osso.

Os passos firmes faziam ressoar as palmilhas de madeira dos sapatos brancos de biqueira preta pelos paralelepípedos da rua em um estalar cadenciado.

Veio vindo devagar, como se estudasse o local com um curiosidade desusada, até que parou em frente à uma casa bem velha perto do fim da rua.

Era uma casa de tábuas pretas e telhado esverdeado, com duas janelonas na frente, como dois olhos sempre abertos e uma grande porta de carvalho avermelhado com símbolos esquisitos gravados nela.

O portão de ferro estava entreaberto.

Ele não entrou, bateu palmas estaladas e esperou.

Depois de algum tempo a porta se abriu devagar e uma cabeça surgiu pela fresta entreaberta, uma cabeça toda branca com os cabelos presos em um coque transpassado por um alfinete grande de madeira preta muito antigo mostrou-se e dois olhos afogueados e brilhantes que fulgiram quando perceberam a figura em seu portão.

— Boa Tarde! — cumprimentou o velho sorrindo.

A velha não disse nada, abriu a porta e deu dois passos para fora.

— O que o senhor quer? — grasnou a velha com rispidez na voz.

— A senhora é Dona Joana de Orleans? — perguntou o velho piscando um olho.

— Quem quer saber?

— Posso entrar? — perguntou o velho com a mão sobre o ferro do portão entreaberto.

A velha o olhou de alto à baixo, não parecia ser grande coisa, depois quase imperceptivelmente rodou um anelzinho que levava no dedo mindinho esquerdo, apenas uma rodelinha de ouro, sem pedrarias, e olhou de novo.

O velho continuava lá.

— Eu o convido a entrar! — disse a velha com certa cerimônia, não sabia quem ele era, mas certamente era alguém que não gostaria de contrariar, isso percebera de longe.

O velho entrou e caminhou até a porta.

A velha fez um gesto e convidou-o a entrar na casa.

— Entre. Sente-se. Fique à vontade enquanto preparo um chá para nós.

O velho sentou-se em um antigo sofá enebado e olhou ao redor.

A sala era iluminada apenas por um lampião de canto, todo o resto ficava dentro das sombras e mais adiante das trevas.

Uma grande estante cheia de livros peculiares chamou sua atenção, havia coisas ali que conhecia apenas de lendas mais antigas que o mais velho dos homens e outros dos quais sequer ouvira falar.

Gostaria de passar algum tempo ali!

Em um dos cantos havia uma cristaleira de madeira avermelhada, dentro da qual uma genuína coleção de cabeças encolhidas o olhava com curiosidade, uma delas em particular parecia lembrar-lhe alguém que conhecera há muito tempo atrás, quando ainda era menino.

A cabeça moveu-se por um ínfimo segundo, causando-lhe um calafrio e depois piscou-lhe um olho vazado, como se sorrisse.

Ele evitou olhar para a cristaleira enquanto esteve naquela sala.

A velha voltou algum tempo depois com uma bandeja de prata clara, com um bule fumegante e duas xícaras, um pequeno pote de mel e alguns biscoitos em um prato azul.

Colocou tudo em cima da mesa no centro da sala e convidou-o a sentar-se.

O velho sentou de frente para ela e pediu:

— Uma colher de mel é suficiente.

A velha sorriu e o serviu, depois sentou-se e ficou olhando para ele.

O velho tomou um pouco do chá, era hortelã e canela, uma mistura delicada, então olhou para a velha e disse.

— Me chamo Hiram!

— Eu sei, velho do mato! Também sei porque está aqui! — falou a velha, tomando seu chá e pegando um biscoito — Você veio por causa dos desaparecimentos, não foi? Eu sei que foi. Uma coisa muito cruel! Não foi obra de nenhum homem.

— Você parece saber muito sobre isso.

— Faz parte do que sou! Não posso deixar de ouvir as coisas sussurrando pelos interstícios do tempo e do espaço, elas me contam coisas! Sobre o que acontece pelo mundo e sobre você também!

— E o que lhe contaram sobre esses desaparecimentos? — perguntou o velho com certa cortesia no falar.

— Me contaram que os desaparecimentos foram coisa de duendes!

Hiram quase riu, parecia uma piada de mau gosto.

— Duendes aqui? Não estão muito longe de casa para aparecerem assim?

— Oh, mas foram realmente duendes que raptaram aquelas criancinhas! Eu sei, eu sei que foram sim, eu os vi na mata lá para os lados da Serra do Araribá numa noite de lua cheia, perpetravam uma daquelas orgias fantásticas das quais os antigos tantos se vangloriavam!

— Como chegaram até aqui? — perguntou o velho, ainda duvidando das palavras da outra.

— Eles fizeram um pacto com a cidade! — sussurrou a velha bruxa, como se tivesse medo que alguma coisa quase onisciente a ouvisse.

— Eles firmaram um pacto?

— Foi o que acabei de dizer! — repetiu a velha com rispidez — De que outra forma eles poderiam entrar e sair da cidade sem que “Ele” soubesse?

O velho esvaziou a xícara e saboreou o chá com gosto.

Não era sempre que podia se dar ao luxo de beber um verdadeiro chá de bruxa!

Depois pegou um dos biscoitos e antes de mordê-lo falou:

— Conversei com ele e não existe pacto nenhum!

Um esgar de surpresa correu pelo rosto da bruxa!

— Você conversou com “Ele”? Como conseguiu? — havia uma surpresa verdadeira em suas palavras.

Depois de mastigar e engolir o biscoito o velho respondeu:

— Nós temos um conhecido em comum! O que pode me contar destes duendes?

— Eles se escondem debaixo da Ponte da Torre, do lado da Rua do Rosário. — contou a velha bruxa com rapidez — Eles afugentaram o velho Troll que morava ali.

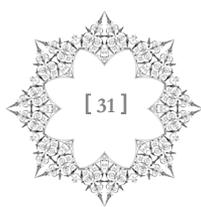
— Eu sei! Ele tentou se mudar para debaixo da Ponte da Boa Vista, mas não deu muito certo! — contou por sua vez o velho, com um sorriso.

— Certamente você sabe lidar com estas pestes do velho mundo, não é?

— Certamente que sim! — concordou o velho — Nada como o velho ferro e luz do sol para acabar com suas estripulias!

— Mas você sabe que não conseguirá as criancinhas de volta, não sabe? Nenhuma das que sobreviveram quererá ser encontrada, não depois do que os duendes fizeram com elas! Melhor esquecer o que já ficou para trás!

— Eu sei! — a voz do velho mostrava sua tristeza com aquela realidade cruel.





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# Fome de Ceiuci

Por Ney Alencar

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João - PE. Possui 293 contos publicados em 56 e-books e em 100 antologias. Possui 05 livros publicados.

1792, Vila de Ourém, Grão-Pará.

O Padre avançou mata adentro decidido!

Estava vermelho de raiva, quase correndo por cima das raízes dos angelins, das andirobas e das pupunhas.

O escravo Marçal o seguia de perto, muito preocupado e com muito medo.

Não gostava de entrar na mata de tardezinha, significava que ia ter que voltar de noite e tinha um pavor horrível de andar pela escuridão da mata à noite.

Aquilo estava cheio de fantasmas horrendos e bichos medonhos que certamente o devorariam.

O Padre Manoel Coelho sentia o sangue ferver de tão zangado, já era a segunda moça que sumia da vila em questão de um mês, se continuasse assim onde iam parar?

O Coronel Albino mandara homens correrem a mata para tentarem encontrar Narcísea, mas não acharam nada, nem rastro sequer.

A cafuza Portázia sumira quase um mês antes, também sem deixar rastro.

A única coisa em comum entre as duas foi que ambas falavam em procurar uma velha curandeira índia que diziam morar para os lados do Rio Guamá, numa região de mata densa e virgem, ainda pouco explorada.

Era seu dever como pároco da vila ir tirar satisfações com a velha e saber o que fora feito das moças.

Um galho caiu com estardalhaço adiante na mata.

Um uiraçu gritou lá no alto do céu.

O padre não diminuiu o ritmo.

Um bacurau piou longe e uma mãe-da-lua cantou mais perto, anunciavam a noite que já se avizinhava!

O escravo tremia como vara verde, acompanhando os passos rápidos do padre com os seus trêmulos e apavorados.

Quase na beirinha da noite chegaram em uma clareira de terra batida, onde uma moita de angelim vermelhos se abriam e bem no meio ficava uma choça de teto de palha e paredes de sapê.

O Padre entrou pela clareira e parou em frente à choça, nesse instante um canto de câ-cã soou alto, como se viesse de dentro da choça.

Chamou três vezes antes de ser atendido.

No lusco fusco do dia que minguava uma figura estranha saiu de dentro da choça, era uma velha, não vestia nada, os cabelos desgrenhados e compridos caíam pela frente do corpo como se fosse um vestido, a pele encarquilhada, ossuda, os lábios eram mais carnudos e quando sorriu mostrou dentes muito brancos e afiados.

A voz que saiu era como o crocitar de uma ave de rapina, cacarejante e gutural!

— Boas tardes, Padre. O que posso fazer pelo senhor?

— Vim atrás de Narcísea e da cafuza Portázia, que moram na vila lá adiante.

— Ora, o que o senhor quer com elas? — perguntou a velha debochada.

— Não quero nada, mas quero levar elas de volta pra vila que é o lugar delas.

A velha riu uma gargalhada debochada e maliciosa, fazendo um barulho horrendo como um gorgolejar hediondo que ecoou pelo interior da cabana e correu amedrontado para dentro da mata.

O escravo Marçal, que se escondia atrás do padre, deu um suspiro de terror e quase desmaiou, agarrando-se na batina.

O Padre deu um puxão na roupa, afastando o escravo com asco e voltou-se para a velha:

— Elas estão com a senhora, não estão?

A velha deu um muxoxo e lambeu os lábios, como se se lembrasse de alguma coisa muito apetitosa.

— Elas vieram aqui sim, queria que ficassem para o jantar. — falou a velha passando a língua pelos beiços molhados e a mão magra pelas partes pudendas — Mas elas foram pra mata, lá para os lados da estrada que vai pra Belém. Procuravam um tal moço que ia esperar elas na estrada!

— A senhora deixou elas irem sozinhas?

— Elas foram de noite! Era lua cheia e eu não gosto de sair nesses dias, é ruim andar pela mata em noites dessas, tem outras coisas que perambulam por aí....

— Que coisas? — perguntou o padre quase perdendo o pouco que lhe restava da paciência.

— Coisas que vieram do outro lado do mar e que espantaram os encantados pra longe daqui. Não é mais seguro andar pela mata nesses dias, não é não! — contou a velha entredentes, como se falasse mais consigo mesma que com o padre.

— Pois quero que me leve até onde elas foram! — pediu o padre torcendo as mãos.

— Ora, e o que é que o senhor padre vai me dar em troca? — cacarejou a bruxa e lambeu os beijos com uma língua comprida e ligeira — Já fui muito bonita quando era jovem, mas mesmo velha ainda não perdi todos os meus encantos! Quem sabe o senhor padre não queira experimentar?

Um arrepio de horror passou pelo corpo do padre e uma fisgada terrível doeu em sua virilha!

Olhou direto para o escravo atrás de si.

— Eu lhe dou ele! — falou apontando o escravo que tremia mais que vara verde — Pode ficar com ele se me levar até onde elas foram.

O escravo Marçal quase desmaiou de tanto horror.

A velha olhou-o de alto à baixo e com um movimento rápido, agarrou o braço do escravo, o bote foi como o de uma cobra, certo, e a pegada férrea não o deixou escapar.

— Eu aceito, mas temos que deixá-lo preso na minha oca, senão ele escapa.

— Ele pode ir conosco. — disse o padre.

— Não, ele fica! É perigoso andar em noites dessa pela mata. O senhor corre seu risco e eu corro o meu, mas ele fica aqui!

Assim falando arrastou o escravo para dentro da oca e voltou sozinha.

A noite caiu enquanto estavam entrando na mata, a escuridão era como breu denso ao redor deles, a lua cheia despontava pelo horizonte.

A velha foi na frente e o padre a seguia.

Ela parecia conhecer todos aqueles caminhos, andaram quase duas horas sem parar até que chegaram às margens de uma grande estrada de terra batida, larga, a lua já pelo meio do céu banhava tudo com seu luar fantasmagórico.

— E agora? Onde estão? — o padre perguntou já imaginando que a velha o tinha trapaceado.

— Temos que esperar ela vir. Foi ela que levou as mocinhas, ela vai saber mostrar o caminho pro senhor! — explicou a velha e depois acocorou-se na beira da estrada e não falou mais nada.

As horas se arrastaram enquanto esperavam.

Súbito, quando a Lua estava no pico do céu, um vulto grande voou pela frente dela.

O padre levantou os olhos e espantou-se com um morcego grande que veio voando.

Era grande e preto, com quase meio metro de altura, pousou no chão quase na frente dele.

O padre ia dizer alguma coisa quando a criatura se metamorfoseou diante de si!  
Assumiu a figura de uma moça com pele pálida, cabelos dourados e olhos negros.  
Vestia um vestido curto como uma pequena toga de cor azul claro.  
Seu olhar era direto e duro como o aço.

A bruxa levantou-se e fez uma reverência.

— Madame veio! Este aqui quer lhe ver e saber das mocinhas que lhe trouxe da outra vez! — riu a velha como se dissesse uma piada que o padre não entendeu.

Ela sorriu mostrando alvos dentes afiados naqueles lábios vermelhos como sangue.

O padre viu o erro que cometera!

Tirou uma cruz de ouro de dentro das vestes e levantando-a alto começou uma litania de esconjuro!

A moça riu, uma gargalhada alegre que rompeu a oração e fez o padre emudecer, e quando falou sua voz era macia e parecia sobressair a todos os sons ao redor.

— Não será sua fé parca que o salvará esta noite, meu bom padre!

O Padre Manoel Coelho ficou com medo, pois viu sua morte naqueles olhos negros!

Porém não conseguiu fugir, aquele olhar o mesmerizava, o prendia ao chão como se suas pernas fossem feitas de chumbo, não podia se mover.

Uma palavra escapou de seus lábios aterrorizados:

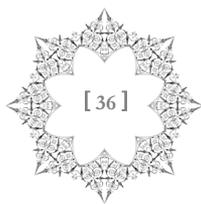
— Nosferatu!

Ela deu um passo em sua direção e com um movimento fluido, quase suave, colocou a mão em seu pescoço e trouxe-o para si, de uma forma que ele não conseguiu evitar, era como se quisesse ir até ela, e mordendo o pescoço do padre, refestelou-se com seu sangue quente.

A velha bruxa saiu de fininho!

Sabia que não era prudente ficar ali enquanto a outra se alimentava!

Afinal ainda tinha um escravo só seu para brincar até o fim da noite e talvez durante todo o dia seguinte!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Libere a bruxa que há em você

Por Penha Frassi

Penha Frassi é mãe, feminista, psicóloga junguiana, com pós graduação *latu sensu* em Ênfase e Educação, oradora e autora. Ela fala sobre questões de preconceito cultural, o estigma da mulher bruxa que povoa o imaginário coletivo. Suas palestras e aparições na mídia incluem mensagens motivacionais, seus trabalhos acadêmicos publicados versam sobre a desestigmatização da mulher no contexto do sagrado feminino em uma sociedade patriarcal.

Mais e mais pessoas estão sentindo que as velhas crenças, valores, paradigmas, estão desmoronando. Sentimos profundamente a instabilidade do sistema que está cada vez mais fraco. Existe uma crise se intensificando e se manifestando através de ansiedade, depressão, doença, apatia, suicídio, violência, pânico, destruição, angústia e desespero.

Todas as atrocidades internas e externas são apenas sintomas da resistência interna à real transformação. Quando tememos e nos seguramos no controle por medo do desconhecido que está por vir, nós sofremos imensamente.

A tentativa de se agarrar no velho confortável e conhecido só perpetua a angústia de uma vida não vivida plenamente. Não vale a pena se apegar naquele velho emprego que te dá um senso falso de segurança material, que não permite o voo livre e criativo do seu espírito. Não precisa mais se prender nas relações que não estão mais alinhadas com o chamado da sua alma e corpo de viver o amor e autenticidade que merecem.

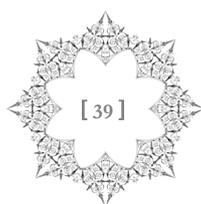
Chega de acreditar nas promessas falsas de uma felicidade imaginária num futuro que nunca chega a acontecer. Chega de destruição do planeta por uma busca incessante por "progresso". Chega de excesso de séries, aplicativos, drogas, medicamentos e prazeres fugazes que te viciam e te distanciam da plenitude real e da tua vitalidade.

Você está sendo chamada a fazer parte da criação de algo novo. O velho já está se desmoronando por ele mesmo. Retire seu esforço em mantê-lo vivo e deixe-o ir.

Se incline na direção do que está nascendo dentro do teu coração. Fique atenta, abra a mente e escute os sinais para a realidade que está emergindo e brotando na consciência humana.

É hora de acordar do sono egoico e começar a viver com lucidez e presença. Não é fácil, não é confortável, mas é imensuravelmente mais satisfatório e significativo. Seja corajosa e ousada para assumir o teu papel no despertar de uma nova consciência. Escute profundamente a terra e o céu para novas direções. Você é suficiente e capaz de fazer isso, porque, você não está separada de nada e ninguém.

Seja a natureza curando a si mesma. Seja a consciência consciente de si mesma amando e criando novas realidades sagradas. Lembre-se a magia poderá acontecer a qualquer momento, apenas permita-se.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# A bruxa

Por Penha Frassi

Penha Frassi é mãe, feminista, psicóloga junguiana, com pós graduação *latu sensu* em Ênfase e Educação, oradora e autora. Ela fala sobre questões de preconceito cultural, o estigma da mulher bruxa que povoa o imaginário coletivo. Suas palestras e aparições na mídia incluem mensagens motivacionais, seus trabalhos acadêmicos publicados versam sobre a desestigmatização da mulher no contexto do sagrado feminino em uma sociedade patriarcal.

Eu caminhei sozinha e com frio  
fora do círculo de casas,  
olhando para o espaço,  
profundamente dentro do meu vazio,  
silenciosamente...

Então,  
sob a lua crescente,  
sob as estrelas flamejantes,  
bela e feroz,  
de pé na sebe,  
a Bruxa apareceu.

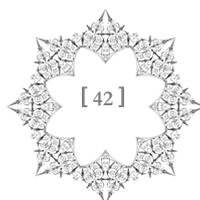
Uma donzela jovem e selvagem,  
uma mulher sábia e louca;  
longos como ondulam seus cabelos negros,  
fortes como raízes suas pernas esguias;  
olhos encantadores como a lua,  
aterrorizantes como as profundezas da floresta

Dentro de minhas íris ela olhou  
e sorriu assustadoramente,  
proferindo humildemente para mim...  
cantando misteriosamente...  
então ela se virou,  
saltou para além da cerca de jasmim,  
com o cabelo esvoaçante atrás do pescoço,  
deixado atrás a neblina da cidade.  
Mas a sombra de sua canção  
ficou comigo e ecoou:  
dentro do meu coração, dentro da minha cabeça,  
dentro de cada parte que respira de mim,  
cantando, de novo, de novo:

"Saia de sua casa, siga-me".

Com o coração martelando,  
com a respiração trêmula,  
soltei os cabelos,  
soltei as tranças com simplicidade,  
olhando para a lua,  
escalando a sebe,  
descendo em direção ao bosque,  
deixando para trás a orla da cidade.

E o medo corria calado,  
dentro da escuridão da mata;  
e a esperança voava ao meu lado,  
sob o fogo da lua cheia.





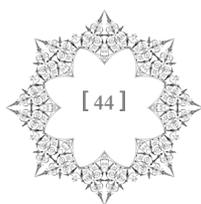
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Selvagem na natureza

Por Penha Frassi

Penha Frassi é mãe, feminista, psicóloga junguiana, com pós graduação *latu sensu* em Ênfase e Educação, oradora e autora. Ela fala sobre questões de preconceito cultural, o estigma da mulher bruxa que povoa o imaginário coletivo. Suas palestras e aparições na mídia incluem mensagens motivacionais, seus trabalhos acadêmicos publicados versam sobre a desestigmatização da mulher no contexto do sagrado feminino em uma sociedade patriarcal.

Natureza selvagem,  
Voe livremente com o vento...  
Dance com as ondas.  
Cresça como uma árvore.  
Descubra a beleza.  
Natureza selvagem.  
É onde desejam estar, nós, bruxas.  
Somos amantes do luar, buscadoras da floresta.  
Sonhadoras do céu.  
Natureza selvagem, nós somos.  
Nós somos a natureza.  
Nós somos bruxas.





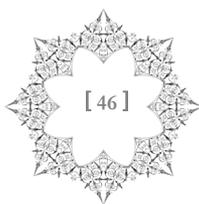
A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# Voz do vento

Por Penha Frassi

Penha Frassi é mãe, feminista, psicóloga junguiana, com pós graduação *latu sensu* em Ênfase e Educação, oradora e autora. Ela fala sobre questões de preconceito cultural, o estigma da mulher bruxa que povoa o imaginário coletivo. Suas palestras e aparições na mídia incluem mensagens motivacionais, seus trabalhos acadêmicos publicados versam sobre a desestigmatização da mulher no contexto do sagrado feminino em uma sociedade patriarcal.

Um coiole perdido, que uiva.  
Ela franze a testa rasgando galhos,  
um acesso de raiva de bruxa.  
Fazendo tremer até os pinheiros mais altos,  
que mexem em suas panelas;  
Tão poderoso quanto várias milhas náuticas.  
Uma vela queima no ar.  
Uma pitada de poções místicas.  
As montanhas permanecem pacíficas ao longe.  
Uma crista de resistência;  
contra sua insistência, os golpes.  
Mas a energia em mim cresce...  
Eu preciso disso, embora eu me comunique contigo.  
Eu aprecio a necessidade de gritar e cantar.  
Deixar as vozes soarem através do ar da montanha.  
Gritar para os outros cuidado!  
Com as bruxas do vento que sussurram: para o café do rio estar aqui.





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# Tendinha da Feira Hippie

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Era uma feira semanal.

Funcionava aos sábados das 14 às 20 horas e ocupava uma praça inteira.

Tinha praticamente de tudo: artesanato de panos, linhas e brinquedos, comida popular, bijuterias, pedraria, licores, mel e temperos e muito mais.

Para uma criança, era interminável e deslumbrante.

E para a menina, havia uma tenda especial: a que vendia pipoca e algodão-doce.

Quando ia à feira — sempre com a sua mãe —, inevitavelmente pedia a ela para passar por lá. Uma hora era pipoca, outra algodão-doce, dependendo da sua vontade naquele dia. A pipoca era salgada ou doce e o algodão-doce tinha cores — rósea, azulada ou amarelada. A sua cor predileta era a rósea e refletia no algodão que comia.

Num dos últimos sábados, não foi diferente.

Quando chegou à feira, com a mãe, a menina pediu para passar pela tenda do velhote pipoqueiro e vendedor de algodão-doce, que era sempre muito simpático e atencioso.

Quando chegou perto, viu logo a diferença. Havia pirulitos enormes, com a parte doce do tamanho de uma laranja, mas achatada, revestida por um papel celofane brilhante e vermelho com pintas coloridas.

Logo disse à mãe que queria um.

Mas o vendedor falou que não era para venda, mas um brinde para os fregueses habituais, como a menina e para serem desfrutados em casa.

Deslumbrada, a menina estendeu a mão e recebeu um lindo pirulito. Agradeceu e se afastou.

Obedecendo à sua mãe, a menina guardou o pirulito para desfrutar ao chegar à casa. E a bola de algodão-doce cor-de-rosa era mais urgente para ser comida pois corria o risco de se desfazer dado o seu tamanho e fragilidade. A qualquer hora com aquele sol e calor começaria a se despencar.

O passeio pela feira foi moroso o bastante para ela esquecer do pirulito.

Só foi lembrar dele à noite, depois do jantar, quando a sua mãe disse para não ir dormir sem escovar os dentes e não chupar o pirulito às escondidas, na cama.

Certo, então! Chuparia o pirulito no seu quarto antes de fazer o que a sua mãe dissera.

Foi às pressas para o quarto porque queria desfrutar daquela maravilha de pirulito que, segundo o vendedor, tinha um sabor de "sonhos".

A menina estava muito curiosa, pois já experimentara vários pirulitos diferentes, de diversos sabores e queria saber se o novo sabor ganharia do de morango, framboesa ou tuti-fruti.

Desembrulhou aquela esperada delícia e depressa foi com a "boca ao pote" ou melhor, ao pirulito.

Em segundos fora transportada para o seu mundo de sonhos, que era um parque temático que só vira anteriormente, na televisão.

Pelo que conseguiu fazer e lembrar, passou um dia inteiro, de brinquedo em brinquedo, brincando como nunca havia brincado antes — a não ser na sua imaginação.

E agora, era tão real! Sentia cada brinquedo, o vento no rosto, ouvia o barulho das máquinas, os gritos das outras crianças e até a música e avisos dos autofalantes.

Começou a escurecer e os autofalantes avisaram que o parque ia fechar para a noite.

Cada criança deveria então voltar para casa para dormir.

E assim, num "relâmpago", a menina só sentiu a mãe a tocar-lhe no braço para que acordasse para um novo dia. Ela estava na sua cama com um pauzinho de pirulito na mão, pelo que recebeu uma grave advertência da mãe.

Não adiantou dizer que não fora a sua vontade dormir sem escovar os dentes, mas que adormecera sem perceber.

A menina ficou com várias interrogações na sua cabecinha muito inteligente. Teria sido uma coincidência ou o pirulito seria mágico?

Para passar isso a limpo, ia especular num próximo sábado, quando fossem à feira e encontrassem com o vendedor de pipoca e algodão-doce.

Chegou o esperado sábado. Ao entrarem na feira, para sua surpresa e decepção, a conhecida tenda de pipoca e algodão-doce tinha sido desmontada e retirada do local. Não

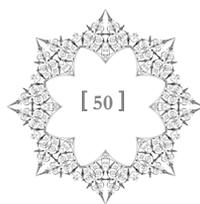
mais existia. Ficou muito triste, pois logo entendeu que não teria mais daquelas deliciosas guloseimas e não ganharia mais pirulitos maravilhosos e misteriosos.

Estavam para sair da feira, quando avistaram num outro ponto, outra tenda de pipoca e algodão-doce. Só que quem atendia era uma velhota e muito simpática. Olhou à volta e não viu mais pirulitos.

Teria que se contentar então com o que a velhota vendia.

Mas nunca esqueceria do pirulito que a fizera dormir e sonhar tão vivamente.

A bem da verdade, ao olhar para a velhota, quando se despediu, teve a impressão de que a mesma dera uma piscadela para ela. Ou foi só impressão?!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Dona Bruxa

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lusitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

E a dona bruxa estava muito bem, muito feliz, fazendo as suas bruxarias.

Até que era boazinha. Não tinha o costume de incomodar a vizinhança. A sua casa não era das piores e o aspecto externo não era tão assustador. Tinha até um portão de ferro com uma campainha em forma de sino.

Ela não precisava sair e o seu terreno era razoavelmente amplo. Por isso nem se preocupava com a sua aparência. Tinha até uma horta onde plantava os seus vegetais prediletos - urtiga, mandrágora, serpentina, além de algumas árvores que atraíam corujas.

Comer animais? Bem, ela não era tão boazinha assim, senão não seria bruxa.

Quando queria comer uma galinha, um pato ou um coelho, por exemplo, pegava-os.

Certo, certo!, roubava de algum galinheiro ou ia até a floresta. Na calada da noite, é claro! Se não tivesse ânimo para isso, os ratos e as corujas que a rodeavam, serviam de petisco.

À noite, como achasse as vassouras incômodas e ultrapassadas, literalmente "voava" para os seus pontos de encontro com outras bruxas, onde trocavam experiências, insultos e participavam de torneios para ver quem conseguiria os maiores feitos na sua arte.

Voltava para casa antes do amanhecer para não chamar a atenção.

Se a noite tivesse sido muito "pesada", ia direto para a sua alcova ter um merecido descanso.

Até que numa bela manhã, descansando das atividades noturnas, a sua campainha fora acionada.

Estrebuchou de impaciência e raiva, mas a curiosidade a forçou a ir ao portão.

Pela grade, pôde ver que era um menino pelos seus 9 a 10 anos de idade.

Ela perguntou o que o trazia ao seu portão.

Ele disse que foi para provar que era corajoso. Havia sido provocado pelos colegas que disseram que ninguém tinha coragem de ir até a "casa da bruxa".

Hum! Afinal, ela pensou, já sabiam da sua vida privada.

Teria que dar uma lição aos provocadores para evitar futuros incômodos.

Chamou o menino para entrar. Ele não quis.

Então, muito esperta, ela fez carinha de boazinha e disse que tinha um presente de bruxa para lhe dar. Assim ele poderia mostrar a prova da sua vitória aos seus coleguinhas.

Ele aceitou e esperou.

A dona bruxa tinha um amuleto mágico e o deu ao menino.

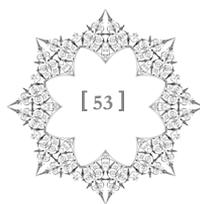
Disse que era só mostrar para os outros meninos que eles ficariam satisfeitos e até com inveja dele.

Depois disso o menino se foi e nunca mais a dona bruxa foi incomodada.

O segredo do amuleto?

Ele possuía um diminuto orifício de onde um pó mágico se espalhava - o pó do esquecimento.

Afinal, bruxa faz bruxarias, até as boazinhas!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# A Gata do Jardim

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lusitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Quase sempre, naquelas férias junto ao mar, ao descer para a praia, passando por um jardim, via uma gata grande, gorducha (ou seria o excesso de pelos?), deitada perto de um caminho de pedras que levava ao portão de saída. Parecia mesmo uma gata muito pachorrenta.

Ela olhava-me com um olhar indiferente, típico dos gatos.

Eu a olhava rapidamente. Ela ficava imóvel e eu seguia o meu caminho.

E assim, passavam os dias. Ensolarados, prazerosos, eu descendo para a praia pela manhã e a gata frequentemente por perto do caminho, deitada, serena, sem manifestar quaisquer interesses.

Por eu gostar muito de animais - já tive vários cães, nunca gatos - e já ter conhecido alguns gatos de amigos e parentes, depois de vários dias, achei que era chegada a hora de apresentar-me àquela felina que parecia tão simpática!

Cheguei a cerca de um metro de distância da gata e disse-lhe com voz baixa, aguda mas pausada e docemente maternal: "olá linda gatinha!"

E não foi preciso nem mais uma palavra.

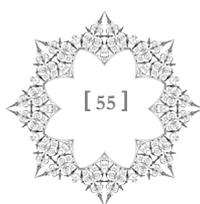
Ela estendeu e recolheu uma das suas patas dianteiras numa rapidez tão grande que não cheguei a ver o que fez. E afastou-se para um pouco mais longe de mim.

Então, após sentir uma dor aguda na ponta do dedão de um dos pés e olhar para baixo é que vi uma gota de sangue saindo de um pequeno corte.

Que danada e rápida aquela gata! Não estava mesmo para brincadeiras ao cortar-me com uma unhada precisa.

E eu nunca mais vou-me dirigir a um gato desconhecido!

E no final das contas, ainda por cima, não tinha me atinado que eu cruzara o caminho de uma gata tão escura quanto uma noite sem luar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Uma Bruxa Não Faz Verão

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lusitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

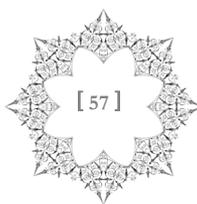
Havia mais que o básico para ela e só ela.  
Não era miserável o conforto de bruxa...  
a casa, móveis, roupas, dinheiro, joias...  
Afinal, tudo e mais alguma coisa podia uma bruxa.

As falcatruas, as conquistas, os mexericos  
tudo tudo com capricho... Têm que dar lucro!  
Enganar os enganáveis - estão para isso.  
Convencer os inocentes... por demais fácilimo!

Mas a bruxaria pode ser mais ampla e frutífera!  
Nos setores todos, muitos bruxos há... A bruxaria  
até de nome às vezes muda - "golpes financeiros" então,  
moleza... "troca-troca" nem se fala... E o país só afunda!

São muitos os bruxos golpistas...  
em ampla escala... nacional... e global.  
Ao tradicional - o bruxo da redondeza -  
são de causar inveja e a sua reputação manchar.

Um pequeno bruxo, para os grandes, páreo não é...  
Só cócegas emergem das suas ações.  
A cor do cenário e a fluidez do futuro  
só mudam com os poderosos bruxões.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Confissões de uma bruxa: O ritual do morto-vivo

Por Sueli Kellen Fujimoto Giroto

Sueli Kellen Fujimoto Giroto é formada em Letras e leciona no Cieja Professora Rose Mary Frasson.

Sempre gostou de ler e principalmente de escrever, pois é na escrita que consegue tornar concreto suas experiências atuais do seu "eu" presente e místicas do "eu" de um passado distante...

Já fui uma bruxa muito famosa e ainda possuo tais poderes de uma, porém nessa vida escolhi tomar outro rumo, minha alma é antiga e nessa vida, vim mesmo para ensinar...

Não posso revelar quem me disse isso, e como sei de tal informação, mas posso revelar como são as magias e contar as experiências que eu tenho, pois meu intuito é passar o conhecimento e as consequências dos mesmos que muitos não contam.

Hoje venho mostrar-lhes duas maneiras de trazer um morto a vida, uma delas é explicar que a pessoa que fazer o ritual, deve ser alguém nascida com a divindade em suas mãos, estar evoluído de coração com todas as esferas estelares voltadas para si, e além do poder, acreditar que existe algo além do que nossos olhos interpretam como realidade e colocar em prática esse poder a favor do bem supremo... Na realidade a forma mais pura do amor pode trazer alguém a vida...

Mas há uma outra maneira de trazer alguém a vida, ou melhor, trazer um "morto-vivo", afinal a vida é algo divino da luz, como já foi dito, trazer um morto de outra forma já é o contrário...

Então você deve estar se perguntando, por que revelar algo tão ruim para humanidade, a resposta é que a revelação seria para que todos fossem alertados, pois eu sei que muitos já estão praticando tal ação, sem saber das consequências que podem assolar depois.. Afinal todos só enxergam a glória, no entanto, não enxergam os posteriores...

Vivemos num mundo em que nem tudo, devemos experimentar, devemos sim, ter conhecimento e sabedoria para atrair nos o que é de bom proveito e afastar aquilo que não nos trará a verdadeira felicidade...

Pois bem, a revelação desse segundo ponto, vem das trevas, queiram entender como inferno, purgatório, como o lugar, onde não há compaixão, um lugar onde o sol não bate, onde só há dor, fome, ganância e perturbações...

Mas há uma grande energia que se apodera de tudo que também quer fazer parte dela! Queira acreditar ou não, tudo é energia e as trevas são "pura" energia do mal.

Então é só conectar a essa energia que deve vigorar que é da morte, desse modo, o que puder fazer para essa energia entrar mais forte, mais o processo caminhará rápido! Porém, vou dizer de uma forma mais específica e que não tem como falhar, mesmo que se vá com receio de dar certo ou não, uma vez feito, não tem volta!

Numa noite de lua cheia, em que a data do calendário seja peculiar, deve-se ficar numa casa onde as paredes sejam blindadas por tinta escura, para que não haja chance de nenhuma luz entrar e então fazer 1 pentagrama ao contrário na parede e 1 no chão, sendo a do chão do tamanho que você consiga entrar dentro dele e sentar. Existem também palavras a serem ditas, mas isso é algo que o leitor deve decifrar dentro desse texto, pois só aquele que decifra as palavras estará conectado a receber o que é de direito, se não veio a mente, é porque não estará qualificado para o feito e assim não surtirá efeito e então só será feito uma dramatização de um simples amador... Esta realmente pode ser a tarefa mais complexa para este ato, no entanto, assim como trazer o morto através das luzes é difícil, trazer o morto através das trevas não pode ser algo fácil e acessível a todos.

Mas ao decifrar as palavras deve ter uma taça de vinho tinto para "comemorar" seu pacto e selar seu destino... Um anel de ouro com uma pedra vermelha para selar seu "casamento" com as trevas!

A coisa mais macabra a fazer, é levar o sangue do corpo daquele que se foi, sem esquecer que em volta do pentagrama deve haver 1 vela em cada ponta, mas deve-se acender apenas uma vez e apagar em seguida com sopro, para simbolizar que é assim que se apaga a chama da vida divina, e que você abomina essa chama.

Então antes de começar, é importante eu explicar, algo que não mencionei... A carne humana é algo divino, então pela lei divina, se desfalecerá, não poderá ser utilizada, pois o morto só duraria por cerca de algumas horas. O pacto deve ser feito num objeto, o mais comum seria em bonecas... Então... é só selar o pacto, fazendo um corte na sua própria mão esquerda, e juntar com sangue do seu ente querido, selando com vigor os sangues e derramando no meio do pentagrama, falando a intenção que quer aquela pessoa de volta, não importando como! Desse ponto em diante as trevas ouvirão o pedido, mas saiba que venderá sua alma para as trevas e servirá senão 1000 anos, talvez pela vontade "dele" para todo sempre!

Verás que a energia do morto, estará nesse objeto, mas aí que vem o alerta que ninguém menciona, a essência do falecido fica na peça, porém de forma enganosa, a essência é parecida, como fosse alguém se fazendo por essa pessoa, você sentirá toda doçura, de quem era aquela pessoa! Mas também verá o que tem por trás de tudo aquilo! Afinal de contas, aquilo é uma ilusão...

Após alguns dias, você ouvirá a pessoa através do objeto, ele se mexerá e talvez te seguirá por todos os lugares, só para estar com você!

Na verdade "Ele" vai querer estar com você, dando a impressão de momentos maravilhosos, e você se sentirá consolado, alegre e maravilhado! Será realmente como estivesse com essa pessoa querida! Ele poderá conversar com você todos os dias e você poderá contar de tudo como fosse seu melhor "amigo"...

Mas não se esqueça que ele é fruto das trevas, seu corpo não é divino, assim como sua alma, na verdade só está ali devido seu pacto.

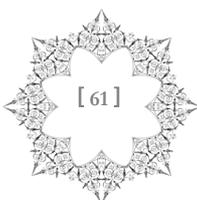
Lembrando que para sua própria proteção, ele não deixará mais ninguém se aproximar, nem que pra isso ele tiver que tirar a vida de outros que resolverem ficar perto de você! Seja ele mesmo fazer isso escondido, ou jogar uma maldição para que essa pessoa suma do mundo devido um acidente, algum tipo de doença ou mesmo assassinado!

Posso lhes contar mais, que esses objetos ou bonecos estão em muitas partes do mundo! As pessoas que fizeram o pacto tiveram o que queriam, mas esses seres inanimados ficam perambulando por milênios, pois eles "vivem" e aqueles que fizeram os pactos não! Resultando em verdadeiras "maldições". Pensem por que as pessoas ficam dizendo:

— Esse objeto é amaldiçoado, não cheguem perto!

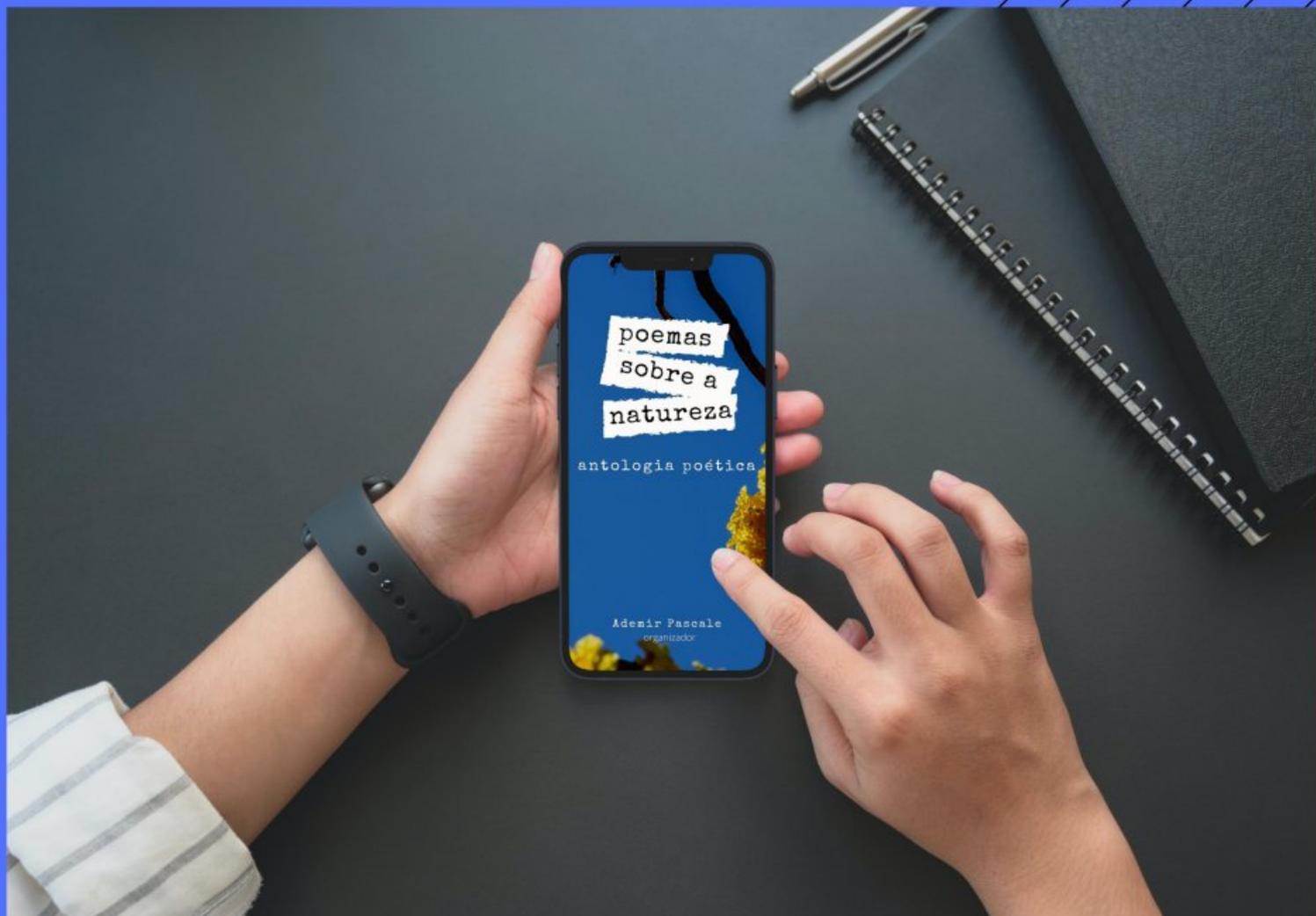
Sejam bonecos, baús, joias e muitos outros objetos, que trazem histórias aterrorizantes em toda parte, pessoas que tocaram tais objetos e morreram de doenças estranhas, ou aqueles que não acreditaram e possuíram os objetos e se mataram ou foram estranhamente assassinadas...

E às vezes vocês ficam se perguntando, por que tem gente que coleciona esses objetos? Ou como conseguem fazer isso sem acontecer nada com eles? É simples a resposta... É porque eles já fizeram o pacto, selaram seus destinos junto a pessoa "amada", estão condenados e hoje possuem no lar seus próprios mortos-vivos...



CONHEÇA OUTROS  
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

**VISITE:** [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

**CURTA:** [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)

**SIGA:** [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)

**INSCREVA-SE:** [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)

**E-MAIL:** [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**